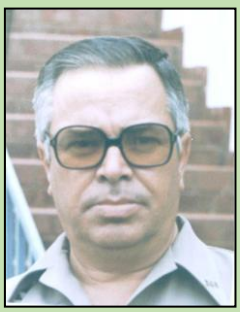
A HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL NO RIO GRANDE DO SUL NO SÉCULO XX

Cláudio Moreira Bento, Coronel



Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB),do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS), sócio benemérito do Instituto de Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB), emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai.

Integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. É Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaiense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Ceará, Mato Grosso do Sul, etc. Foi o 3° vice-presidente do Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV) no seu 13° Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.

É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaiense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra.

Cursou a ECEME em 1967/69. E foi instrutor de História Militar na AMAN em 1978/80, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osorio, Marques do Herval e do Duque de Caxias. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército entre 1985/90. É correspondente do CIPEL, do IHGRGS, da Academia Sul Rio Grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas. É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Foi Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar no seu Centenário em 1987. Possui o Curso de Analista A da Escola Nacional de Informações (1975). É Comendador do Mérito Militar e possui cinco prêmios Literários.

Escreveu a História do Exército no Rio Grande do Sul em parcerias compostas de 21 volumes.

ARTIGO DO AUTOR (a seguir) DIGITALIZADO E DISPONIBILIZADO NO SITE DA FAHIMTB WWW.AHIMTB.ORG.BR EM "LIVROS e PLAQUETAS" E CÓPIA IMPRESSA NO ACERVO DA FAHIMTB DOADO À AMAN EM BOLETIM ESPECIAL Nº 002 DE 17 Nov 2004 E INTEGRADO AO PROGARAMA "PERGAMUM" DE BIBLIOTECAS DO EXÉRCITO.

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

Fundada em 1º de março de 1996

IHTRGS

Fundado no Sesquicentenário da Batalha do Seival

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL(IHTRGS)
ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL(AHIMTB)
(DELEGACIA GEN RINALDO PEREIRA CÂMARA PARA O RIO GRANDE DO SUL)

A HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL NO RIO GRANDE DO SUL NO SÉCULO PASSADO

SUMÁRIO

O projeto História do Exército no RGS
Marcos da História Militar Gaúcha 1900-2000
Historiadores militares gaúchos e suas contribuições
A presença marcante da Brigada Militar
A importância do patrimônio cultural militar gaúcho

Por CLÁUDIO MOREIRA BENTO
Presidente da AHIMTB e do IHTRGS
2001

A HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL NO RIO GRANDE DO SUL NO SÉCULO XX

SUMÁRIO

O projeto História do Exército no RGS

Marcos da História Militar Gaúcha 1900-2000

Historiadores militares gaúchos e suas contribuições

A presença marcante da Brigada Militar

A importância do patrimônio cultural militar gaúcho

O projeto História do Exército no RGS

A civilização do Rio Grande do Sul foi acentuadamente castrense (militar), conforme a interpretação do saudoso mestre Dante de Laytano. No Rio Grande do Sul, a História Militar Terrestre do Brasil se revestiu de lances marcantes e de expressiva projeção na História Militar Terrestre do Brasil durante o século XX e especialmente na política.

Abordamos a mesma no projeto História do Exército no Rio Grande do Sul nos volumes I, II e III da obra **História da 3ª Região Militar** (Porto Alegre: Palloti, 1995 e 1999) que focalizaram, respectivamente, os períodos de 1807 a 1889, 1899 a 1953 e 1953 a 1999.

Na obra **Comando Militar do Sul - quatro décadas de História 1953-1995** (Porto Alegre: Qualidade, 1995) foram focalizados os comandos da Zona Militar Sul, III Exército e Comando Militar do Sul, denominações sucessivas do grande comando do Exército instalado em Porto Alegre a partir de 1953 e com jurisdição sobre os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

E no prosseguimento do projeto desenvolvemos as histórias da 6ª Divisão de Exército - Divisão Voluntários da Pátria; da Artilharia Divisionária da 6ª DE - AD Marechal Gastão de Orleans, ambas sediadas em Porto Alegre; da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada Tenente General Patrício Corrêa da Câmara, sediada em Bagé, e da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada - Brigada Manoel Marques de Souza I, sediada em Pelotas.

A seguir, das 1ª e 2ª Brigadas de Cavalaria Mecanizada, da 3ª Divisão de Exército, da AD/3 da 3ª DE, da 6ª Brigada de Infantaria Blindada e as Histórias do Casarão da Várzea e das Escolas Militares do Rio Pardo.

Biografamos os lideres de batalhas e de combates, quais fossem, o Duque de Caxias, o General Osorio, o Conde de Porto Alegre e o Brigadeiro Antônio de Sampaio. Por último, Hipólito da Costa, o fundador da Imprensa Brasileira, filho, sobrinho, pai e avô de militares.

Histórias que desenvolvemos em parceria com outros estudiosos, sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), a qual fundamos em 1º de março de 1996 em Resende/RJ - A Cidade dos Cadetes e, hoje transformada em Federação, cujo braço no Rio Grande do Sul é a Academia General Rinaldo Pereira da Câmara que, desde 23 de abril de 2011, foi promovida à AHIMTB/RS e presidida pelo acadêmico benemérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis.

Foto do conjunto incompleto de obras sobre o Exército no Rio Grande do Sul, constante da capa de nossa plaqueta A PESQUISA EM HISTÓRIA MILITAR (Resende: FAHIMTB, 2012), publicação de conferência ilustrada que proferimos no Encontro de Historiadores Militares em 18/20 de maio de 2012 na Academia Militar das Agulhas Negras, promovida pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército, então no comando do Gen Bda Julio Cesar de Arruda.

No conjunto destas obras e em suas referências bibliográficas e hemerográficas já é possível se perceber a História Militar do Rio Grande do Sul desde a fundação portuguesa do Rio Grande do Sul em 1737, e mesmo antes, até o presente, bem como a sua grande projeção na História Militar Terrestre do Brasil.

Marcos da História Militar Gaúcha de 1900 a 2000

A História Militar Terrestre do Rio Grande do Sul no século XX teve início com as feridas ainda não cicatrizadas da cruel guerra civil de 1893-95 - A Revolução Federalista a qual, em ligação com a Revolta na Armada de 1893/94 ensanguentou e dividiu as famílias da Região Sul.

Guerra Civil marcada por dois massacres, que por ironia do destino ligam-se à cor escura, à cor das trevas, da tristeza, do terror da cegueira e do luto. Ou seja, o massacre de Rio Negro em Bagé, em novembro de 1893, onde parte da Cavalaria Civil Patriota, em apoio aos governos do Estado e Federal, rendida sob garantia de vida, em documento firmado por ambas as partes, foi degolada inerme por mercenários platinos, a serviço de federalistas e em pleno território brasileiro.

Massacre respondido com o de Boi Preto, em 5 de abril de 1894 - Palmeira das Missões, onde federalistas foram sacrificados pela 5ª Brigada da Divisão do Norte, organizada pelo Governo do Estado.

Escrevemos sobre o massacre do Rio Negro sob o título "O massacre federalista do Rio Negro em Bagé em 28 Nov 1893" na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** (v. 154, nº 378, jan/mar 1993, p. 55/81). E sobre o massacre do Boi Preto escreveu Mozart Pereira de Souza na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul** do ano 2.000.

Através destes trabalhos, o leitor interessado e isento poderá julgar os dois condenáveis eventos que tem sido omitidos e manipulados por parte de seguidores e pesquisadores de ambos os contendores da Guerra Civil. E assim permanecem por mais de um século. Constituem profundas feridas na alma gaúcha.

De certa forma, foram agravadas com a Guerra de Canudos em 1897 (Bahia), quando tropas gaúchas com experiência de combate foram para lá enviadas e tiveram atuação militar destacada para o término daquela carnificina fratricida.

As consequências para ambos os contendores de Canudos não foram maiores graças à ação do gaúcho de Porto Alegre e Ministro da Guerra Marechal Carlos Machado Bittencourt,

consagrado hoje como o Patrono da Intendência do Exército por haver estabelecido uma linha de suprimentos para as isoladas tropas do Governo no sertão baiano. Tropas constituídas por tropas do Exército, 11 polícias militares e um batalhão civil baiano. Guerra que, ao final, custou a vida1 do Marechal Bittencourt.

O Estado-Maior do Exército

Na passagem do século XIX para o XX, o gaúcho de Bagé Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet deu início à Reforma Militar do Exército, ao criar o Estado-Maior do Exército e a Fábrica de Pólvora sem fumaça em Piquete/SP, alicerces para o progresso do Exército no século XX. Servindo a um governo em crítica contenção de gastos, o Marechal Mallet, filho do Patrono da Artilharia Emílio Luis Mallet, mobilizou os cérebros do Exército para elaborarem um Corpo de Doutrina Militar a ser implementado tão logo existissem recursos disponíveis. Portanto não cruzou os braços. Foi criativo!

O Estado-Maior do Exército teve como primeiro chefe o porto-alegrense Marechal José Thomaz Cantuária, veterano artilheiro da Retirada da Laguna, ex-Ministro da Guerra e consolidador da Paz de Pelotas celebrada em 1895 e, hoje, o patrono da 6ª Região Militar, na Bahia, por iniciativa do acadêmico da AHIMTB Gen Div João Carlos Rotta, o idealizador do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul quando comandante da 3ª Região Militar.

A História Militar Terrestre do Brasil

A História Militar Terrestre do Brasil no século XX teve como marco inicial a instalação, em janeiro de 1900, da Escola de Engenharia no Rio Grande do Sul por iniciativa de professores do Exército lotados na Escola Militar de Porto Alegre então em funcionamento no "Casarão da Várzea", junto ao Parque Farroupilha, caserna hoje ocupada pelo Colégio Militar de Porto Aalegre (CMPA).

O Movimento Tradicionalista Gaúcho

Em 22 de maio de 1898, o Major de Cavalaria João Cezimbra Jacques fundou no mesmo Casarão da Várzea, com alunos militares e civis, o Grêmio Gaúcho, voltado para o culto das

1 Episódio acontecido em 5 de novembro de 1897, no antigo Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, hoje Museu Histórico Nacional, quando Bittencourt, participando de uma cerimônia de recepção aos veteranos de Canudos, juntamente com o Presidente Prudente José de Morais Barros, percebeu que o presidente estava sendo ameaçado por um Anspeçada do 10° Batalhão, Marcellino Bispo de Mello, com uma garrucha, que não disparou. O Marechal interveio contra o assassino, retirando-lhe a arma, mas este reagiu com um punhal, acertando-o diversas vezes. Gravemente ferido, faleceu logo depois.

tradições gaúchas, o que lhe valeria a sua justa consagração como Patrono do Movimento de Tradicionalista Gaúcho (MTG), hoje movimento de projeção internacional.

Outras realizações

Outro marco na História Militar do Rio Grande do Sul foi o estabelecimento, no citado Casarão da Várzea, de 1906-11, da Escola de Guerra de Porto Alegre, local onde foi implementado o Regulamento de Ensino de 1905, transição do bacharelismo militar, que vigorou de 1874-1905, para o profissionalismo militar que até hoje se sustenta.

Em 24 de maio de 1913, no 47º aniversário da Batalha de Tuiuti, professores do Exército no Casarão da Várzea fundaram o Grêmio Beneficiente de Oficiais do Exército (GBOEx) que, em quase todo o século XX, teve grande projeção na Previdência Social da Família Militar Gaúcha e Brasileira e continua em plena atividade.

Abordamos pioneiramente a Escola de Guerra de Porto Alegre em **Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil** (Rio de Janeiro: FHE-POUPEX, 1987) e em artigo "A Esquecida Escola de Guerra de Porto Alegre no ensino militar acadêmico do Brasil "na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil** [nº 155(383):423-427, abr/jun 1994)] (Assuntos hoje, em 2017, disponíveis em Livros e Plaquetas do site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br, criado por nosso filho nascido em Bento Gonçalves, na serra Gaúcha Capitão de Mar e Guerra Carlos Norberto Stumpff Bento atualmente professor de Navegação na Escola Naval e autor do livro didático Navegação Integrada e que assim honra a espada de Guarda Marinha que lhe foi ofertada pelo Povo Gaúcho
através de seus representantes no Executivo e Legislativo).

Assunto que abordamos também na citada **História da 3ª RM**, v. 2, p. 179. Concorreu para o resgate da projeção da Escola de Guerra a obra de Laudelino Medeiros **Escola Militar de Porto Alegre 1852-1911** (Porto Alegre: Ed. Veras, 1992), com apoio que lhe prestamos em suas demoradas e acuradas pesquisas no Arquivo Histórico do Exército que então dirigíamos.

Outro marco da História Militar do Rio Grande do Sul, de projeção nacional expressiva, foi a instalação em Porto Alegre, em 29 Jun 1903, da Carta Geral da República. Mais tarde foi suprimida a palavra República, e substituída por “do Brasil”. O Rio Grande do Sul foi o maior beneficiário dos levantamentos cartográficos realizados por aquela Comissão, cujos trabalhos tiveram início em 25 Ago 1903, no Morro de Santana, em Porto Alegre, então definido como marco zero.

Em 1906/08 o Exército ganhou em Porto Alegre o seu Quartel-General, o primeiro ali construído especialmente para este fim e que ainda lá se encontra, na frente do atual Quartel General, o qual só seria ocupado em 1955 e que hoje abriga o cérebro operacional e logístico do Exército no Rio Grande do Sul, o Comando Militar do Sul, a 3ª Região Militar e o Comando de Artilharia.

O antigo QG serviu de sede do Comando Militar e Político do Exército no Rio Grande do Sul, por cerca de meio século, durante a Guerra do Contestado, 1ª Guerra Mundial, Revolução de 1923, Revolução de 1924-26, Revolução de 30 (cuja vitória foi decidida em seu interior com a neutralização e prisão do comandante da 3ª RM de então[2], com as mortes de alguns militares que no interior do prédio se encontravam), Revolução Constitucionalista de 1932, deposição de Flores da Cunha em 1937 do Governo do Rio Grande do Sul e 2ª Guerra Mundial 1939-45.

QG construído pelos mestres Pellerini e Gentil Rocha e que, ao ser construído, era um dos mais belos e singulares edifícios de Porto Alegre.

O Rio Grande do Sul foi pioneiro na ideia dos Tiros de Guerra, colocada em vigor. Foi na cidade de Rio Grande que o farmacêutico Antônio Carlos Lopes idealizou o primeiro Tiro de Guerra, iniciativa que traduziu no livro **O Tiro Brasileiro.** Com apoio nesta ideia, o gaúcho de São Gabriel Marechal Hermes da Fonseca, como Ministro da Guerra (1906-09) conseguiu a aprovação, pela Lei de 5 Set 1906, da Confederação do Tiro Brasileiro, cuja implementação confiou ao riograndino Antônio Carlos Lopes.

Em 1908, o ainda Ministro da Guerra Hermes da Fonseca acelerou a Reforma do Exército com a Criação de Brigadas Estratégicas, de Tiros de Guerra, e da aquisição, na Europa, de grande partida de fuzis Mauser, metralhadoras Madsen e canhões Krupp com as respectivas fábricas de munições, instaladas na Fábrica do Realengo, mais a construção de modernos quartéis e a criação da Arma de Engenharia.

Construção de quartéis que seria acelerada no início dos anos 20 pelo Ministro da Guerra Pandiá Calógeras, como o do 9º BI Mtz em Pelotas, o do 19º BI Mtz em São Leopoldo, o do 9º RCB em São Gabriel, entre outros. São construções inconfundíveis as do Tipo Calógeras.

No Rio Grande do Sul, em 1908, as suas unidades passaram por acentuadas reestruturações, fusões e mudanças de denominações que registramos em **História da 3ª RM,** vol. 2 p. 196-206.

Foi o gabrielense Marechal Hermes, então Presidente da República que, de 1910-12, enviou oficiais para estagiarem no Exército da Alemanha. Oficiais que, ao retornarem, funda-

[2] General Gil Antônio Dias de Almeida.

ram a Revista **A Defesa Nacional** juntamente com um grupo de idealistas. Revista pela qual eram transmitidos ao Exército os ensinamentos colhidos na Europa. Dentre seus 13 fundadores quatro eram gaúchos: os Capitães Epaminondas Lima e Silva e Amaro de Azambuja Villanova e os tenentes Bertoldo Klinger (de Rio Grande) e Francisco de Paula Cidade (de Porto Alegre).

No Rio Grande do Sul, surgira no velho QG, em 1910, sob a égide do gaúcho de Porto Alegre General Manoel Joaquim Godolphim, o construtor do QG em 1906-08, **A Revista dos Militares**.

Segundo o seu colaborador, o porto-alegrense Gen Francisco de Paula Cidade, um dos maiores e mais constantes historiadores do Exército de todos os tempos "**A Revista dos Militares"** durou muitos anos e prestou grandes serviços ao Exército. Ela acompanhou a evolução de nossas Forças Armadas durante a fase preparatória (1912-29) que antecedeu o contrato da Missão Militar Francesa (MMF).

A adoção do Serviço Militar Obrigatório, em 1916, a extinção da Guarda Nacional, em 1918, e o fato da Brigada Militar tornar-se a reserva do Exército, propiciaram um grande desenvolvimento do Exército na área do Rio Grande do Sul. A Guarda Nacional no Rio Grande do Sul havia prestado relevantes serviços de guerra ao Brasil desde 1831-70. Depois, entrou em decadência acentuada, como em todo o Brasil. E a solução foi a sua extinção e substituição pelos CPORs e NPORs[3] para a formação efetiva de oficiais da Reserva do Exército, cujos representantes teriam bom desempenho em nossa Força Expedicionária Brasileira na Itália.

A Guerra do Contestado, em Santa Catarina e Paraná, foi pacificada pelo gaúcho de Uruguaiana General Setembrino de Carvalho. Forças da 3ª RM atuaram em SC e PR como, por exemplo, como o então 7º Regimento de Infantaria, de Santa Maria, que hoje[4] tem por patrono o Cel Ernesto Gomes Carneiro, herói da resistência ao cerco federalista da Lapa, no Paraná, em 1893.

Luta no Contestado que revelaria o grande historiador que lá serviu como subtenente, o gaúcho de São Borja e mais tarde General Emílio Fernandes de Souza Docca, ligado à fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (Está disponível no site da FAHIMTB e no nosso livro "A Revolta do Contestado nas memórias e ensinamentos de seu Pacificador, o General Fernando Setembrino de Carvalho", escrito em 2013.)

[3] Centro, e Núcleo, de Preparação de Oficiais da Reserva.
[4] Atual 7º Batalhão de Infantaria Blindado (7º BIB).

Em 1922 teve lugar em Saicã, município de Rosário do Sul, uma grande manobra militar sob a coordenação da Missão Militar Francesa e dirigida pelo Gen Gamelin herói do Exército da França na 1ª Guerra Mundial e chefe da mesma Missão.

Estas manobras se repetiriam em 1940, envolvendo toda a tropa do Exército no Rio Grande do Sul. Foram as maiores até hoje realizados no Brasil, guardadas as devidas proporções no tempo, no espaço e em relação aos meios disponíveis.

Na Revolução de 1923, o Exército se manteve como espectador e contribuiu expressivamente, através do filho de Uruguaiana, General Setembrino de Carvalho (constituinte gaúcho de 1891), na qualidade de Ministro da Guerra, para a paz estabelecida no Pacto de Pedras Altas.

Sua ação, a nosso ver, o consagrou como o Pacificador do Século XX, por sua atuação na pacificação da Revolta do Padre Cícero em 1910, no Ceará, na pacificação do Contestado em 1916 e em 1923 na pacificação do Rio Grande do Sul.

Sérgio da Costa Franco julgou competente a atuação militar e diplomática do Gen Setembrino, em 1923 na sua obra: **A Pacificação de 1923** (Porto Alegre: UFRGS/EST, 1996) e escreveu:

> "Do exame da documentação relativa a pacificação, a personalidade do Marechal Setembrino de Carvalho saiu engrandecida, não se justificando o silêncio que se tem feito no Rio Grande do Sul em torno do papel que desempenhou como conciliador e pacificador. Um mediador imparcial, cheio de espírito público, e cônscio de seus deveres de representante do Presidente da República, no arbitrar uma grave contenda civil. Eis o mínimo que se pode dizer de sua conduta..."

A Revolução de 1923 foi acompanhada pela 3ª RM conforme registramos em **História da 3ª RM**, v. 2 p. 248-249.

As Revoluções de 1924-26 no Rio Grande do Sul retardaram o desenvolvimento das forças do Exército, com apoio na Missão Militar Francesa (MMF), evento bélico que abordamos na citada obra, p. 268.

A Revolução de 1930 foi decidida no Rio Grande do Sul. O início da vitória teve lugar com o bem sucedido ataque revolucionário ao QG da 3ª RM, seguido da neutralização, por morte, de alguns militares que ali se encontravam, da prisão de seu comandante e de seu chefe de Estado-Maior. Fato que mencionamos na citada obra, p. 276-287, e aqui ampliaremos por sua grande projeção na História do Brasil.

Os revolucionários de 30 marcaram como objetivos fundamentais para o êxito da Revolução de 30 o ataque, seguido de conquista, ao QG da 3ª RM e do Arsenal de Guerra (à sua fren-

te, em diagonal[5]). E o ataque teve o curso a seguir, sem que fosse detectado pelo Comando da 3ª RM. Antes do ataque, o QG havia sido colocado sob a mira de metralhadoras instaladas na torre da igreja vizinha (Igreja das Dores) e no alto do Hotel Majestic ambos com dominância de vistas e de fogos sobre os prédios do QG e do Arsenal.

O início da Revolução de 30, com seu QG no Grande Hotel, foi dado às 17:50h de 3 de outubro, por um foguete lançado no Morro do Menino Deus. E teve início o ataque do QG da 3ª RM com 35 homens da Guarda Civil saídos em duas colunas de seu quartel, na rua Gen Canabarro, à retaguarda do atual Comando da Brigada Militar, simulando uma passagem de rotina na porta do QG e entrando na Rua dos Andradas. Os guardas civis estavam armados de revólveres calibre 38, mantidos escondidos sob suas túnicas. Na retaguarda, junto à entrada da sede da Polícia Civil, permaneceu um grupo de revolucionários liderado por Osvaldo Aranha, Flores da Cunha, Barcelos Feio e outros.

Eles atacaram de surpresa o QG, depois do expediente. E foram eliminando os militares da guarda e os demais encontrados no QG, que foram mortos em cerca de 15 minutos. Ainda hoje a escada de acesso e as ferragens do elevador guardam sinais dos impactos dos projetis.

O Comandante da 3ª RM recusou a se entregar, o que só fez depois de receber uma carta de Getúlio Vargas (Presidente do Estado do RS) demonstrando a inutilidade da resistência.

O General Gil de Almeida foi preso em seus aposentos e a seguir no navio Comandante **Ripper**, onde foram presos outros oficiais, inclusive o então Coronel João Baptista Mascarenhas de Moraes que era comandante em Cruz Alta. O General Cândido Mariano Rondon, preso em Marcelino Ramos pelo General Miguel Costa, que comandara a Coluna Miguel Costa/Prestes, foi considerado preso no Grande Hotel, tendo a cidade por menagem.

E com a conquista do QG da 3ª RM, do Arsenal de Guerra, da prisão do comandante da 3ª RM e de seu chefe do Estado-Maior, a revolução expandiu-se sem reação pelo Rio Grande do Sul e Brasil. O ataque ao QG não foi, entretanto, o episódio mais sangrento.

A Revolução de 30 extinguiu a 3ª RM por 15 dias e a substituiu pelo Departamento Pessoal da Guerra, sob a chefia do Ten Cel Horácio Souza. Foi restabelecida a 3ª RM depois da chegada vitoriosa da Revolução no Rio de Janeiro.

Em 27 de outubro de 1930 a 3ª RM passou a funcionar no mesmo QG, agora tendo como comandante o Coronel João Carlos Bordini (1877-1966), sobrinho-neto do General Osorio, com papel de destaque na conspiração vitoriosa, cuja biografia resgatamos na **História da 3ª RM**, v.2.

[5] Atual Museu Militar do CMS.

Em 3 de outubro de 2000, no 70º aniversário da Revolução de 30, foi nele colocada externamente , na rua dos Andradas, a seguinte placa de bronze (já retirada) como justiça na voz da História e traduzida pela seguinte interpretação histórica:

"NESTE LOCAL, NA TARDE DE 3 DE OUTUBRO DE 1930, UM ATAQUE AO QUARTEL GENERAL DA 3ª REGIÃO MILITAR, DEFLAGROU O INÍCIO DA REVOLUÇÃO DE 1930. SOB A DIREÇÃO DE GETÚLIO VARGAS, OSVALDO ARANHA, FLORES DA CUNHA, AGENOR BARCELLOS FEIO E OUTROS, O MOVIMENTO DENOMINADO ALIANÇA LIBERAL EMPOLGOU O ESTADO E O PAÍS, ALCANÇANDO A VITÓRIA COM A DEPOSIÇÃO DE WASHINGTON LUIS. A REVOLUÇÃO DE 30 ENCERROU UM CICLO DE LUTAS ANTI-OLIGÁRQUICAS E POR ELEIÇÕES LIMPAS, CONHECIDO POR TENENTISMO, E DESENCADEOU UM PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS SOCIO-ECONÔMICAS NO RUMO DE UMA SOCIEDADE URBANA E INDUSTRIAL".

Uma consequência da Revolução de 30 no campo militar foi a sua promessa - concretizada - de construção de uma moderna escola militar - a atual Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende. Prometida no mesmo local em julho de 1932, foi lançada a sua pedra fundamental em 1938 e ele foi inaugurada em 1944, tudo pelo chefe da Revolução de 30 Dr. Getúlio Vargas. Os recursos para a sua construção foram viabilizados pelo Ministro da Fazenda Osvaldo Aranha, o cérebro da Revolução de 30 e um dos comandantes do ataque ao QG da 3ª RM.

Mas este ataque bem sucedido ao QG da 3ª RM de incontestável e grande projeção nos destinos do Brasil, inclusive na adoção do voto feminino, tem uma outra face que não pode ser esquecida dos soldados que juram solenemente ao Brasil, entre outras afirmações relevantes "**defender as suas instituições com o sacrifício da própria vida",** pois no outro lado do ataque, defendendo o QG, existiram militares que foram mortos na crença de estarem defendendo as instituições e o que fizeram com o sacrifício da própria vida. E que não possuíam qualquer envolvimento político-ideológico, a não ser o de cumprirem o seu dever militar até a morte.

Circunstância que Péricles, o Pai da Democracia grega assim definiu:

"Aqueles que morrem por sua Pátria fazem mais por ela naquele instante que os demais em todas as suas vidas".

E foi o caso dos militares do Exército que foram mortos nos seus postos de honra, contra um bem urdido, coordenado e mortífero ataque de surpresa, desfechado depois do término do expediente no QG, também residência de seu comandante com família. Os nomes dos mártires, mortos de modo fulminante e a maioria desarmada ou sem reação, constam do excelente estudo do historiador Major Dentista Ref Hélio Ricardo Alves (falecido), sob o título "Ataque ao QG da 3ª RM em 3 Out 1930" enviado à Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Estudo realizado com apoio na interpretação de depoimentos dos irmãos Aranha e Et-

chegoyen (Alcides e Ciro), Flores da Cunha e três guardas civis que participaram do ataque e também na bibliografia, relacionada ao final.

Os 14 militares do Exército mortos em 1930 em reação ao ataque ao QG da 3ª RM e outros locais como no 7º BC: Major Otávio Cardoso (Cmt do CPOR/PA), Capitão Jaime Argolo Ferrão, 1º Ten Atho Correa Franco e 2º Ten Joaquim Gonçalves de Melo; Cabos João Gouveia e Vitor Rodrigues dos Santos e Marinho Borges; Soldados Otávio Guidote, Flávio Guidote, Leonardo Lisboa Mário de Paula, Galdino Soares, Américo Cortes e Vicente dos Santos.

O comandante da 3ª RM na ocasião em seu livro: **Homens e fatos de uma revolução** (Rio de Janeiro: Ed. Calvino, 1943) escreveu a certa altura, 13 anos mais tarde:

> "*Honra aos oficiais, cabos e soldados mortos no dia 3 de outubro de 1930, no cumprimento do seu dever militar, na defesa dos brios do Exército, na obediência da Lei e no respeito a Pátria sublime".*

Muitos militares são de opinião que foi ato de justiça na voz da História a colocação de uma placa alusiva no portão de entrada do velho QG constando o nome dos 14 militares mortos no ataque ao QG e em Porto Alegre em defesa das instituições que juraram defender com o sacrifício da própria vida. A placa já foi retirada do local.

O período revolucionário de 1920-30 revelou grandes vocações de civis gaúchos para a liderança militar.

Entre eles registra-se Osvaldo Aranha, antigo integrante do Esquadrão de Cavalaria do Colégio Militar do Rio de Janeiro e ferido gravemente no combate de Seival, em Lavras do Sul.

Getúlio Vargas, antigo aluno da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo e sargento de Infantaria em expedição até Mato Grosso, para atuar no Acre.

Flores da Cunha, combatente legal contra-revolucionários de 24-26 na sua fronteira e que seria elevado a general honorário do Exército.

Gen Zeca Neto, (Antônio de Matos Neto), estudioso de História Militar Grega e Romana no Rio e aluno da Escola Militar do Largo de São Francisco no Rio de Janeiro por um ano e sobrinho do General Antônio Neto.

Honório Lemes, o Leão do Caverá, que impressionou os tenentes revolucionários por sua visão tática e capacidade de liderança militar e sobre o qual produzimos artigo sob o título "Honório Lemes - o Tropeiro da Liberdade, já publicado**.**

Arthur Ferreira Filho, destacado historiador militar civil e veterano do combate à Revolução de 23, focalizou o perfil de outros civis gaúchos que revelaram liderança militar na obra Revoluções e Caudilhos (Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986).

Outros civis que contribuíram expressivamente para a História Militar do Rio Grande foram Fernando Luiz Osório e seu filho homônimo, filho e neto do General Osório. Vale lembrar também a obra, voltada para a História Militar, do Dr. Tarcísio Taborda, em Bagé. Em 1930 estaria reservada a Osvaldo Aranha e Flores da Cunha a liderança militar do ataque ao QG da 3ª RM, o maior obstáculo ao sucesso inicial da Revolução de 30.

A Revolução de 30, decidida no Rio Grande do Sul e vitoriosa em todo o Brasil, traria grandes benefícios para o progresso do Exército no período até 1945, circunstância que estudamos em artigo: "Getúlio Vargas e a evolução do Exército" na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** (v. 339, abr/jun p. 63/72) (Hoje disponível no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br em Livros e Plaquetas).

Foram marcos desta evolução no Rio Grande do Sul a construção do monumental Hospital Militar de Área de Porto Alegre (atual HMAPA), a transferência do Arsenal de Guerra para General Câmara e as Manobras de Saicã de 1940, entre outros.

Em 1937, o velho QG foi o cérebro da deposição do governo do RS do General Honorário do Exército Flores da Cunha, um dos líderes, sete anos antes, do ataque ao mesmo QG. Foi um fato expressivo que criou as condições militares para a implantação do Estado Novo (1937-45), ao ser eliminada uma possível reação militar. Foi outro fato da História Militar Terrestre no Rio Grande do Sul de grande projeção militar e política no Brasil.

Em 1961, com a renúncia do Presidente Jânio Quadros e reação contra a posse do vice Presidente João Goulart, houve intensa repercussão no Rio Grande do Sul com o episódio chamado Crise da Legalidade, em que o Governador Leonel Brizola apresentou forte reação militar potencial, com apoio no comandante do III Exército - o Gen Ex José Machado Lopes, do que resultou um acordo da posse do Dr. Jango Goulart no Sistema Parlamentarista, então aprovado às pressas pelo Congresso e mais tarde desaprovado em Plebiscito.

Em março de 1964 as Forças Armadas, com forte apoio popular, caracterizado pela Marcha da Família com Deus e a Liberdade, desencadearam uma contra-revolução Democrática contra uma séria ameaça de comunização do Brasil.

Foi tentada uma reação em Porto Alegre contra a deposição do Presidente a partir do QG do então III Ex, comandado pelo Gen Ex Ladário Pereira Telles quando, em reunião na residência oficial do Comandante do III Exército, o Engenheiro Leonel Brizola pretendeu repetir o que havia feito com sucesso em 1961. Mas as tropas do interior marchando unidas e coordenadas sobre Porto Alegre convenceram o Dr. João Goulart da inutilidade da tentativa de resistência e ele seguiu para São Borja e depois para fora do Brasil.

Então, no prosseguimento do período revolucionário, três gaúchos (militares) ocuparam a Presidência da República: o Marechal Arthur da Costa e Silva, filho de Taquari; o General Emílio Garrastazu Médici, filho de Bagé; e o General Ernesto Geisel, filho de Bento Gonçalves. Este, teve como seu vice-presidente o Gen Adalberto Pereira dos Santos, filho de Taquara, e, como assessor direto, o Cel Golbery do Couto e Silva, filho de Rio Grande.

Foram fatos assinalados na área do Rio Grande do Sul nos anos 70 e 80 a mecanização das brigadas de Cavalaria, que substituíram as antigas três Divisões de Cavalaria, e a motorização ou blindagem das antigas Infantarias divisionárias transformadas em brigadas de Infantaria (motorizadas ou blindadas); e a criação do 3º Batalhão de Suprimento em Nova Santa Rita, em 1984, em posição estratégica, que absorveu as funções de nove unidades logísticas em Porto Alegre e que hoje supre 115 unidades no Rio Grande do Sul.

Nota: O acadêmico da AHMTB e menbro do IHTRGS, Ten Cel Antônio Gonçalves Meira, menciona que os 14 militares mortos em 3 outubro de 1930 e relacionados neste trabalho pelo Major Ricardo Alves, na página 12, como sendo mortos no ataque ao QG da 3ª RM, foi em realidade o total de mortos em toda a Porto Alegre. Impõe-se, assim, tentar identificar quais os que realmente foram mortos no Ataque ao QG.

Historiadores militares gaúchos e suas contribuições

Com a vinda da Missão Militar Francesa (MMF) para o nosso Exército, a sua doutrina ensinava que os fundamentos de Tática, da Estratégia e da Logística brasileiras, a constituírem uma desejável Doutrina genuína no Exército Brasileiro, encontravam-se na bem sucedida História Militar Terrestre do Brasil. E esta passou a ser resgatada de forma militar crítica, à luz da Arte do Soldado ou Arte da Guerra. Atividade nobre em que se destacaram historiadores gaúchos do Exército a saber:

O filho de Uruguaiana, Gen Valentim Benício, que junto com o samborjense Gen Emílio Fernandes de Souza Docca e com o porto-alegrense Gen Francisco de Paula Cidade, haviam se ligado à idealização, fundação, orientação e direção inicial da Biblioteca do Exército Editora, em 1937, a serviço da criação e desenvolvimento de uma corrente do pensamento militar brasileiro e da publicação de livros de militares do Exército, prioritariamente.

Ação precedida da atuação, três anos antes, do historiador gabrielense Cel Jonathas da Costa Rego Monteiro, idealizador e administrador assinalado do Arquivo do Exército, hoje Arquivo Histórico do Exército. Ele procedeu a um resgate profundo da História da Colônia do Sacramento e da Dominação Espanhola do Rio Grande do Sul (1763-76), entre outros temas inéditos da História Militar no Rio Grande.

Deram grande impulso à História Militar Terrestre do Rio Grande do Sul os seguintes historiadores militares: o gabrielense Gen João Borges Fortes, o pelotense Gen Antônio da Rocha Almeida, o taquariense Gen Riograndino da Costa e Silva, os porto-alegrenses generais Rinaldo Pereira da Câmara e Morivalde Calvet Fagundes, o riopardense Cel Deoclécio de Paranhos Antunes e o montenegrense Ten Cel Henrique Oscar Wiedersphan.

Como historiador militar contemporâneo registro o gabrielense Osorio Santana Figueiredo, Subtenente reformado, com as obras **Terra dos Marechais** e **Caserna de Bravos**. Em Uruguaiana, registro o 2º Sargento da Reseva Carlos Fonttes, com trabalhos ligados à História da 2ª Brigada de Cavalaria e à Retomada de Uruguaiana em 1865.

Tornou-se o maior historiador militar da Fronteira Oeste o filho de Cruz Alta, Gen Raul Silveira de Mello. E também o maior historiador da FEB e o seu comandante, o gabrielense Marechal João Baptista Mascarenhas de Morais. Força Expedicionária que teve, entre seus cinco generais, três gaúchos, o gabrielense Marechal Mascarenhas de Moraes, o filho de Jaguarão Gen Osvaldo Cordeiro de Farias, o comandante da Artilharia da FEB, e o porto-alegrense Francisco de Paula Cidade, que seguiu como juiz militar.

Em conjunto, eles deram continuidade aos trabalhos de história militar do Brasil do porto-alegrense Marechal José Bernardino Bormann, também fundador do centenário Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, historiador da Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52, da Guerra do Paraguai, da qual foi combatente, e da Guerra Civil de 1893-95.

Todos estes ilustres historiadores militares deram um grande impulso à História Militar Terrestre do Brasil e foram consagrados patronos de cadeira da então Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Entidade que aos poucos procura se espraiar através de Delegacias e Academias, como a AHIMTB/RS - Academia Gen Rinaldo Pereira da Câmara, autor da mais completa biografia de um militar brasileiro a do gaúcho porto-alegrense Marechal José Antônio Câmara da Câmara.

Todos os citados, à exceção do General Raul Silveira de Mello tiveram suas obras focalizadas por Pedro Leite Villas Boas em seu **Dicionário Bibliográfico gaúcho** (Porto Alegre: EST, 1991).

Ao General Francisco de Paula Cidade se deve a monumental **Síntese de Três séculos de Literatura Militar Brasileira** (Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1959), fundamental instrumento de trabalho do historiador militar terrestre brasileiro.

Ao gabrielense Marechal João Baptista Mascarenhas de Morais se deve a História da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que ele comandou à vitória final. Vitória assinalada pela

rendição alemã em Fornovo, ato em que representou o Brasil o santanense, então Coronel Nelson de Mello, comandante do 6º RI - Regimento Ipiranga, sediado em Caçapava, SP.

Como se pode concluir, foi expressiva a projeção do Rio Grande do Sul na História Militar Terrestre do Brasil, através de eventos expressivos que nele tiveram lugar, bem como pela atuação de ilustres gaúchos que lideraram estes eventos e que escreveram a bela História Militar Terrestre do Brasil.

A presença marcante da Brigada Militar

Não pode ser olvidada a presença marcante da Brigada Militar neste século, em atuação harmônica e complementar do Exército em tempo de guerra. Uma solução inteligente para o Brasil dispor de reservas em caso de conflitos. Saga que foi escrita pelo major BMRS Miguel Pereira, patrono de cadeira especial da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Cadeira ocupada pelos historiadores da Brigada Militar Cel José Luiz Silveira, veterano do combate de Cerro Alegre, em Piratini, em 20 de setembro de 1932.

A outra cadeira destinada à Brigada Militar teve por patrono, em vida, o Coronel PMRS Hélio Moro Mariante e é ocupada pelo Ten Cel PMRS Aroldo Medina, co-autor da obra **Museus do Rio Grande do Sul** (hoje na Internet na Página do Gaúcho de Roberto Cohen), obra onde ele integra os diversos relicários comunitários que representam a Memória História Gaúcha, e na qual a sua Memória Militar, a fonte de suas maiores tradições como sentinela do Brasil no Sul, estão esquecidas ou minimizadas em seu real valor, como ferramenta a serviço da sobrevivência das nações. No caso em tela, o rico patrimônio militar gaúcho acumulado em mais de 250 anos, onde se destaca o desenvolvimento de uma doutrina militar genuína - **A Guerra à gaúcha,** que foi em grande parte responsável pela definição e manutenção do destino brasileiro do Rio Grande do Sul. Assunto que abordamos na **Revista do CIPEL**, 1996, que abordou o tema Regionalismo. (Hoje disponível no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br em Livros e Plaquetas).

A importância do patrimônio cultural militar gaúcho

O Patrimônio Cultural Militar é fundamental para a sobrevivência da comunidade brasileira no insondável 3º Milênio e assim definida pelo Marechal Ferdinand Foch, o comandante da Vitória Aliada na 1ª Guerra Mundial, depois de ter sido de professor de História Militar da Escola Superior de Guerra da França:

> "Para alimentar o cérebro de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o livro da História Militar de um povo".

E esperamos que a Universidade gaúcha não desconheça esta circunstância e se lembre "***de que a guerra é uma grande responsabilidade para ser deixada por conta só dos generais"*** (segundo o Ministro francês Georges Clemenceau). Em consequência, à semelhança da UNIRIO, ministre cursos de História Militar do Brasil a seus alunos. É o que fazem de longa data as universidades das grandes nações, potências e grandes potências mundiais.

Acima, a capa do livro sobre a Pacificação do Contestado, onde foi muito expressiva a participação de tropas da 3ª Região Militar ao Comando do General Fernando Setembrino de Carvalho, filho de Uruguaiana, consagrado o Pacificador do Século XX e patrono da Delegacia da FAHIMTB, em Uruguaiana, que tem por delegado o acadêmico Sargento Carlos Fonttes, historiador militar e artista plástico e autor de várias obras onde se destaca a Retomada de Uruguaiana das tropas paraguaias que a invadiram em 1865. O General Setembrino, como Ministro da Guerra, criou o dia 25 de Agosto como o Dia do Soldado, no aniversário do Duque de Caxias, o Pacificador do século XIX e patrono do Exército e da FAHIMTB.

Acima, as fotos de nossa obras do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul. Contamos com mais assiduidade com a parceria do acadêmico benemérito da FAHIMTB Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. No conjunto cima faltam os livros publicados da História da AD/3, O Gaúcho fundador da Imprensa Brasileira e o 3º volume da História da 3ª Região Militar, sendo que já foi reeditado o 2º volume, e está sendo preparada pelo Cel Caminha a reedição atualizada da História do CMS. Antes, já havíamos publicado os seguintes trabalhos que foram premiados em 1º e segundo lugares no Biênio da Imigração e Colonização do Rio Grande do Sul: O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul, Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul e O Exército Farrapos e seus chefes (2 vol.), disponível no site da FAHIMTB bem como A Revolta do Contestado nas memórias e ensinamentos de seu Pacificador com grandes reflexos na História do Rio Grande do Sul, afora nossos numerosos artigos sobre História Militar no jornais Diário Popular de Pelotas, Correio do Sul de Bagé, Razão de Santa Maria, Tradição, Correio do Povo e Diário de Notícias de Porto Alegre. Também na A Plateia de Santana, artigos nas Antologias do CIPEL e revistas do IHGRGS e ALRGS, ao que recordo e todos relacionados. E destacando, como editor de alguns livros, o acadêmico benemérito da FAHIMTB Professor Flávio Camargo, da UFRGS. No patrocínio, a 3ª RM, o CMS, a FHE – POUPEx, na Presidência do Gen Ex Clovis Jaci Burmann. E o GBOEx através de seu presidente Cel OMAR LIMA DIAS na História da 8ª Bda Inf Mtz.